



PRÁTICA PEDAGÓGICA E ESTRATÉGIAS COLABORATIVAS: REFLEXÕES SOBRE AVANÇOS, LIMITES E POTENCIALIDADES

Nome completo do autor: Schirley Ribeiro Ruas

Afiliação institucional: Universidade Estadual de Montes Claros

E-mail: schirleyleao@yahoo.com.br

Nome completo do coautor: Naiara Lopes Fonseca

Afiliação institucional: Universidade Estadual de Montes Claros

E-mail: naineuopp@gmail.com

Nome completo do coautor: Zilmar Gonçalves Santos

Afiliação institucional: Universidade Estadual de Montes Claros

E-mail: zilmar.santos@unimontes.br

Eixo 4: Currículo, Práticas Pedagógicas e Formação Docente

Palavras-chave: Inclusão; Ensino Colaborativo, Práticas Pedagógicas

Introdução: A efetiva inclusão escolar de estudantes com deficiência continua sendo um desafio urgente nas redes públicas de ensino no Brasil. Mais do que garantir a presença física desses estudantes, é necessário assegurar condições reais de participação e aprendizagem. Nesse contexto, o ensino colaborativo se apresenta como uma proposta concreta para repensar práticas pedagógicas e construir ambientes educacionais mais democráticos e responsivos à diversidade.

Este relatório é fruto das experiências vivenciadas na disciplina "Ensino Colaborativo no Apoio à Inclusão Educacional", componente do Mestrado Profissional em Educação Inclusiva em Rede Nacional (PROFEI). A atividade prática envolveu a elaboração e aplicação de um plano de coensino, realizado em parceria com professores da educação comum, com foco no acompanhamento de um estudante com deficiência no contexto escolar regular.

A experiência foi desenvolvida na Escola Municipal Waldemira Celestino de Oliveira, em Francisco Sá (MG), com o estudante Thor, matriculado no 1º ano do Ensino Fundamental. O planejamento e a execução foram realizados em conjunto pelas professoras Beth (regente) e Betânia (AEE), permitindo uma atuação articulada e intencional.

Este documento tem por objetivo sistematizar essa experiência a partir da observação direta, das práticas implementadas e do embasamento teórico que orienta o ensino colaborativo, analisando seus efeitos no processo de aprendizagem e inclusão do estudante acompanhado.

Fundamentos Teóricos: O ensino colaborativo se configura como uma proposta de corresponsabilidade entre professores da educação comum e do AEE, que atuam em parceria para planejar, aplicar e avaliar intervenções pedagógicas voltadas ao atendimento das necessidades de todos os estudantes, especialmente daqueles que demandam apoios específicos.

Glat e Blanco (2007) destacam que a colaboração entre professores com formações distintas favorece a construção de práticas mais flexíveis e coerentes com os princípios da inclusão, promovendo a adaptação de conteúdos e estratégias que considerem a singularidade de cada estudante. Essa proposta exige planejamento conjunto, escuta mútua e clareza nos papéis de cada educador.

Mantoan (2006) reforça que a escola inclusiva é aquela que aprende a lidar com as diferenças, não por meio da homogeneização das práticas, mas pela capacidade de reconhecer as singularidades como dimensões fundamentais do processo educativo. Nesse sentido, o ensino colaborativo não é apenas um recurso metodológico, mas um compromisso com uma educação mais justa e igualitária.

A teoria histórico-cultural de Vygotsky (1993) também oferece importantes contribuições, ao compreender o desenvolvimento como um processo mediado socialmente. O conceito de zona de desenvolvimento proximal (ZDP) permite compreender como a atuação conjunta entre professores pode ampliar as possibilidades de aprendizagem dos estudantes, ao promover diferentes formas de mediação e acesso ao conhecimento.

Stainback e Stainback (1999) ressaltam que a inclusão escolar requer um redesenho das práticas pedagógicas e a atuação integrada de vários profissionais, promovendo um ambiente que favoreça a aprendizagem coletiva e o fortalecimento dos vínculos entre os sujeitos.

Apresentação da experiência:

Thor, de 6 anos, apresenta um quadro de Transtorno do Espectro Autista (TEA), nível 3 de suporte, com comorbidade de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH). Foi matriculado no 1º ano do Ensino Fundamental, com apresentação de laudos e relatórios pela família.

Trata-se de uma criança não verbal funcional, que utiliza principalmente gestos e expressões para se comunicar. Demonstra pouca reciprocidade social, tendendo ao isolamento e com dificuldade de seguir rotinas sem mediação direta. Quando contrariado, apresenta irritabilidade e inquietação. Essas características, longe de indicarem recusa, revelam sua necessidade de ambientes estruturados e de relações pedagógicas acolhedoras.

Apresenta bom desempenho motor, tanto em atividades amplas quanto finas. Participa com interesse de propostas que envolvem colagem, modelagem e jogos visuais. Cognitivamente, responde bem às atividades que envolvem imagens e padrões repetitivos, especialmente quando recebe apoio individualizado. Ainda não realiza leitura convencional, mas reconhece vogais e alguns elementos visuais.

Em relação ao autocuidado, precisa de acompanhamento constante para atividades como higiene, alimentação e organização pessoal. Demonstra, no entanto, disposição para colaborar quando as orientações são dadas com previsibilidade e afeto.

A família é presente e participa ativamente da vida escolar, mantendo contato frequente com a equipe pedagógica. Esse envolvimento tem sido fundamental para avanços no vínculo afetivo e no desenvolvimento de rotinas escolares.

O plano de ensino colaborativo teve como foco o trabalho com as vogais, organizando atividades em grupo, instruções coletivas e mediações específicas para Thor. Foram utilizados materiais diversificados, como cartazes, músicas, massinha de modelar e fichas ilustradas.

A professora regente ficou responsável pela condução geral da aula, enquanto a professora do AEE acompanhou José de forma individualizada. Essa organização favoreceu sua permanência nas atividades, respeitando seu ritmo e assegurando sua participação sem exclusão.

Thor reagiu positivamente às propostas práticas, demonstrando interesse e envolvimento principalmente nas atividades de colagem e jogos com imagens. Ainda que não tenha socializado de forma espontânea, manteve-se em grupo por pequenos períodos, com apoio constante.

A experiência reafirma o valor do ensino colaborativo como estratégia para a inclusão efetiva. A atuação conjunta permitiu atender às necessidades de José Ancelmo sem comprometer o andamento da turma. Destacam-se como avanços: maior tempo de permanência nas atividades, respostas a estímulos visuais e motores, e maior envolvimento em momentos lúdicos.

Entre os desafios, permanecem as dificuldades na linguagem verbal, na atenção sustentada e na compreensão de instruções orais. Esses aspectos exigem a continuidade do acompanhamento terapêutico e o aperfeiçoamento das estratégias didáticas utilizadas.

Análise parcial dos resultados: As atividades planejadas, focadas no ensino das vogais, mostraram-se eficazes para manter o interesse de Thor. A utilização de materiais diversificados, como cartazes e jogos, contribuiu para uma maior participação e engajamento. A abordagem prática e lúdica parece ter favorecido a aprendizagem, permitindo que Thor se envolvesse nas atividades de maneira mais significativa.

Vale destacar, também, a atuação conjunta das professoras (a regente e a do AEE) foi fundamental para o sucesso da experiência. Essa colaboração possibilitou um acompanhamento individualizado e adaptado às necessidades de Thor, garantindo que ele pudesse participar das atividades sem ser excluído.

Embora Thor tenha demonstrado dificuldades em socializar de forma espontânea, sua permanência em grupo mesmo que por pequenos períodos indica um progresso no desenvolvimento social. A presença constante da professora do AEE ajudou a criar um ambiente mais acolhedor, onde Thor se sentiu seguro para participar, mesmo que de forma limitada.

Apesar dos avanços, a experiência também revelou desafios significativos. As dificuldades de Thor em comunicação verbal e atenção sustentada foram ressaltadas, indicando que, embora haja progresso, ainda é necessário um acompanhamento terapêutico contínuo e a evolução das estratégias didáticas. Esses desafios requerem atenção constante e adaptações nas intervenções pedagógicas.

O envolvimento ativo da família foi destacado como um fator positivo que contribuiu para o desenvolvimento de Thor. A comunicação frequente entre a família e a equipe pedagógica ajudou a fortalecer o vínculo afetivo do estudante com a escola e facilitou a implementação de rotinas e estratégias em casa.

Conclusões: A experiência com Thor demonstra que o ensino colaborativo, quando planejado e mediado com intencionalidade, contribui significativamente para a construção de práticas pedagógicas mais justas e inclusivas. A articulação entre educação comum e AEE se mostra essencial para garantir não apenas o acesso, mas também a permanência e o desenvolvimento dos estudantes com deficiência.

Recomenda-se o fortalecimento da formação docente continuada, a ampliação das práticas de coensino e o investimento em estratégias pedagógicas acessíveis, que respeitem os ritmos, expressões e modos de aprender de cada estudante.

Apoio técnico ou financeiro: À orientadora Zilmar Gonçalves Santos e à CAPES.

Referências:

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais:** DSM-5. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014.

CASCIO, M. I. S.; PLETSCHE, M. D. Educação inclusiva e escolarização de alunos com deficiência intelectual e autismo. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 32, p. 1–20, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X39600>.

GLAT, R.; BLANCO, V. E. C. **Educação inclusiva:** práticas pedagógicas para escolas do ensino fundamental. Rio de Janeiro: WVA, 2007.

MANTOAN, M. T. E. **Inclusão escolar**: o que é? Por quê? Como fazer? São Paulo: Moderna, 2006.

PLETSCH, M. D.; SÁ, L. P. de; MENDES, E. G. A favor da escola pública: a intersetorialidade como premissa para a educação inclusiva. **Revista Teias**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 66, p. 59–78, jan./mar. 2021.

STAINBACK, S.; STAINBACK, W. **Inclusão**: um guia para educadores. Porto Alegre: Artmed, 1999.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.